

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA
E LITERATURA

SILVANE IURK LEMOS APARECIDO

**A IMPORTÂNCIA DE SE TRABALHAR COM GÊNERO TEXTUAL NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Gênero textual porque (não) trabalhar com ele na Educação Infantil?

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

CURITIBA - PR

2020

SILVANE IURK LEMOS APARECIDO

**A IMPORTÂNCIA DE SE TRABALHAR COM GÊNERO TEXTUAL NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Gênero textual porque (não) trabalhar com ele na educação infantil?

Monografia de Especialização apresentada ao Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná como requisito parcial para obtenção do título de “Especialista em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura”
Orientadora: Profa. Dra. Simone Azevedo Floripi.

CURITIBA - PR

2020

TERMO DE APROVAÇÃO



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Ensino de Língua Portuguesa e Literatura



Ensino ativo por meio de gêneros textuais

por

SILVANE IURK LEMOS APARECIDO

Esta monografia foi apresentada às 14:30 do 1 de setembro de 2020 como requisito parcial para a obtenção do título de **Especialista no Curso de Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura** – Polo de Rio Negro - PR, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Curitiba. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho **APROVADO**

ANDREIA DE FATIMA RUTIQUEWISKI GOMES

SIMONE AZEVEDO FLORUPI

CRISTINA DE SOUZA PRIM

a autenticidade deste documento pode ser verificada através da URL:
<http://certificados.utfpr.edu.br/validar/241A7248>

DEDICATÓRIA

Ao meu pai Ademir José Lemos

(In Memoriam)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, por todas as bênçãos a mim concedidas. Sem Ele nada sou e nada serei.

Ao meu marido Wildson, pelo intenso amor e carinho, essenciais para a conclusão desta pesquisa. Obrigada pela paciência em me ouvir e pelo apoio e incentivo nos momentos difíceis.

A minha mãe Marlene por não me deixar desistir e me apoiar nos afazeres da casa enquanto me dedicava a conclusão deste trabalho, além do meu trabalho *home office*.

Ao meu pai Ademir (In Memoriam) que foi a minha principal inspiração e motivação em não desistir, foi por ele que iniciei esta Pós, pois foi num momento em que precisava ocupar a minha cabeça depois da sua partida ele sabe o quanto foi difícil seguir em frente sem a presença dele.

As minhas irmãs que sempre me apoiaram e estiveram ao meu lado até nos momentos em que eu achei que não fosse conseguir. Principalmente a minha irmã Elizabeth que me ajudou na parte final o meu muito obrigado!

A Profª. Simone, minha orientadora, pela compreensão e ensinamentos ministrados durante a realização da pesquisa. A todos os professores o meu muito obrigado!

A minha amiga Elena por me ouvir e me ajudar nos momentos que mais precisei.

A nossa tutora Cláudia por toda ajuda e ensinamentos ela também faz parte desta conquista.

À Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

A todos que contribuíram direta ou indiretamente para a realização desta pesquisa.

RESUMO

Nesta pesquisa abordamos sobre a importância do trabalho do gênero textual na educação infantil, explorando a sua diversidade com crianças da faixa etária de cinco e seis anos. Buscando respaldo teórico nos seguintes autores: Marcushi(2007), Bakhtin(1979), Piaget(2004), Cavalcanti(1997) e Rojo(2015) dentre outros. Trata-se de um estudo sobre a história do gênero textual, em conjunto falamos um pouco sobre gênero discursivo. Buscando responder a seguinte questão: Porque não trabalhar com gênero textual com criança de cinco e seis anos? Neste sentido foi realizada uma pesquisa sobre como acontece o desenvolvimento da criança de cinco e seis anos, alfabetização e letramento e foram sugeridas algumas atividades para trabalhar com esta faixa etária específica. Mediante a pesquisa realizada percebemos que se trabalharmos com os gêneros textuais com as crianças já na educação infantil, estamos explorando a imaginação, compreensão, diferenciação e ampliando o conhecimento. O trabalho também aponta que alguns professores apresentam um pouco de dificuldade de trabalhar com os gêneros textuais, por não saber como utilizar o mesmo. Esse trabalho pretende se constituir como instrumento de reflexão, reavaliação e renovação das práticas educativas.

Palavras-chave: Gêneros textuais. Alfabetização. Educação Infantil.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	7
1.1	Problema.....	8
1.2	Justificativa.....	8
1.3	Objetivos.....	9
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
3	METODOLGIA	15
3.1	Caracterização da Pesquisa: Do gênero discursivo ao gênero textual	15
3.1.2	Desenvolvimento da criança de cinco e seis anos	18
3.2.3	Alfabetização e letramento	19
3.2	Procedimento da pesquisa	21
4	ATIVIDADES SUGERIDAS	23
5	APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	25
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
	REFERÊNCIAS	28

1 INTRODUÇÃO

Quando falamos em educação infantil, enfatizamos não apenas o lúdico e as brincadeiras, mas também os cuidados necessários com as crianças que seriam, a alimentação, higiene e afeto. Em várias situações os educadores/professores acabam não dando a devida importância à aprendizagem que muitas vezes acontece naturalmente através de brincadeiras, diálogos, trocas e socialização. Esta educação formadora acontece a todo momento e não somente durante a utilização de um papel e lápis, tornando-se assim uma aprendizagem contínua.

Conforme for o estímulo do professor, maior será o desenvolvimento do aluno, pois é na educação infantil que iniciamos a nossa vida em sociedade. Esta é uma das mais importantes de todas as fases do ser humano e muitas vezes é pouco valorizada, pois muitos pensam que nessa fase a criança apenas brinca, como explica Piaget (2004), abaixo:

Esta pode parecer uma fase sem muita importância para o desenvolvimento da criança; mas, ao contrário, é um estágio marcado por extraordinárias transformações mentais e, por conseguinte, o progresso da inteligência dá passos largos nesse período. Na verdade, pode parecer, mas essa fase é decisiva para o curso da evolução psíquica: representa a conquista, através da percepção e dos movimentos, de todo o universo prático que cerca a criança. (PIAGET, 2004, p.17).

É na educação infantil que a criança inicia o seu mundo letrado, quando começa de fato o contato com as letras e a compreensão sobre as mesmas. Sendo assim, pode-se trabalhar e explorar os gêneros discursivos com as crianças, como explica Rojo (2015, p.16) “todas as nossas falas, sejam cotidianas ou formais, estão articuladas em um tipo de gênero” de forma que as crianças tenham curiosidade, interesse em ouvir, ler, explorar, identificar, transformar e vivenciar os personagens fictícios trabalhados de acordo com a idade de cada criança. Nessa fase percebemos que as crianças recebem estímulos constantes tanto na escola como em casa desde os primeiros anos de vida.

Os gêneros estão presentes na vida diária, organizando a comunicação infantil como um todo, sendo utilizados de diversas formas sem ao menos serem percebidos como um dos meios mais importantes na formação e na aprendizagem da criança como adulto, como nos faz entender Tardos (2008) na citação abaixo:

Durante suas atividades, dirigidas a partir de sua própria “responsabilidade”, a criança aprende a observar, a atuar, a utilizar o corpo de uma maneira econômica, a prever resultados de sua ação, aprende a sentir limites de suas possibilidades, a modificar seus movimentos, seus atos; aprende a aprender. Em uma palavra: a criança desenvolve suas competências, reforça sua exigência de competência. (TARDOS, 2008, p.50).

Mesmo quando a criança ainda não está alfabetizada, ela já consegue fazer a diferenciação de alguns gêneros como: uma receita, um poema, lista de supermercado, conto de fadas, charge, entre outros. Mas para que isto ocorra é necessário que o docente apresente para as crianças um conteúdo e um planejamento adequado com o seu nível de idade e aprendizagem. As crianças ainda estão em processo de alfabetização e a mesma consegue fazer a identificação de alguns gêneros através da narração do professor, da exploração de materiais impressos, da participação de uma atividade de culinária como uma receita de bolo, ou até mesmo através de brincadeiras dirigidas e socialização conforme explica Piaget na citação a seguir.

Assim nessa etapa, a criança passa a socializar suas ações por meio da linguagem, qual se torna um veículo de conceitos e noções que pertence a todos e reforça o pensamento individual com um vasto sistema de pensamento coletivo. Neste a criança mergulha logo que maneja a palavra. (PIAGET, 2004, p. 28).

Piaget (2004) reconhece que o aprendizado é considerado um processo externo, onde não está envolvido no desenvolvimento, mas Vigotski (1984) postula que o aprendizado é o desenvolvimento, ou seja, cada etapa da aprendizagem corresponde a uma etapa da linguagem influenciando o outro. Desta forma podemos perceber a importância de se trabalhar com gêneros na educação infantil, respeitando a idade das crianças. Pois quanto mais acesso as crianças tiverem a estes gêneros ou os mesmos fizerem parte da sua rotina, mais fácil será para a criança conseguir fazer a identificação e exploração dos mesmos.

O principal objetivo deste trabalho é a importância de se trabalhar com a diversidade de gêneros textual desde a Educação Infantil, e entender como o professor pode explorar este conteúdo de acordo com a faixa etária qual esta trabalhando. Para isso, a pesquisa bibliográfica buscou entender o conceito do gênero textual, as suas definições e forma como esta definida na BNCC (Base Nacional Comum Curricular) e na DCNEI (Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil).

Na fundamentação teórica, veremos sobre o conceito de gênero e como o mesmo surgiu. Já na metodologia podemos analisar que a mesma esta dividida em: caracterização da pesquisa: do gênero discursivo ao gênero textual; desenvolvimento da criança de cinco e seis anos; alfabetização e letramento e procedimentos da pesquisa. Temos uma seção com atividades sugeridas, além das apresentações e discussões dos resultados e as considerações finais.

1.1 Problema

A construção do conhecimento, tanto no plano individual como no plano coletivo, envolve um constante ajuste com a realidade, um processo de modificações que se adapta ao ritmo da evolução e mudanças pessoais e coletivas no desenvolvimento dos gêneros. Assim poderemos trabalhar estes gêneros textuais com crianças de quaisquer faixa etária, mas nosso trabalho enfocará as de cinco e seis anos.

1.2 Justificativa

A principal motivação para sustentar essa pesquisa se baseia na importância que o tema possui para educação. A educação infantil é o primeiro contato das crianças com a realidade escolar, uma vez que as crianças aprendem brincando, explorando e vivenciando. Quando exploramos um conto infantil, a criança imagina, interage do seu jeito, consegue ilustrar e representar sobre o mesmo.

Ao trabalharmos uma receita, exploramos os passos a serem seguidos, executando-os na atividade de cozinhar algo. Essa atividade, além de mostrar a concretude das ações, talvez até uma ludicidade no fazer algo, também ensina o aluno a perceber uma característica bastante peculiar a esse gênero textual, a injunção. Ao trabalharmos com diferentes tipos de gêneros, as crianças vão se apropriando de suas características, permitindo aos alunos identificar alguns desses gêneros mais comuns. Esses gêneros estão presentes no nosso dia a dia, sendo importante trabalhá-los já na educação infantil, pois muitas vezes a criança chega no ensino fundamental apenas com o mínimo contato sobre gêneros, ou seja, não consegue distinguir os mesmos, uma vez que tais gêneros não foram explorados com qualidade nas etapas de ensino anteriores. E quanto mais cedo forem explorados esses gêneros, respeitando a faixa etária da criança, mais fácil será para as crianças assimilarem as características e funcionalidades do gênero apresentado. As crianças são capazes de distinguir as diversidades de textos como por exemplos: contos, receitas, poemas, notícias, etc. Portanto, o intuito deste trabalho é explorar as diversidades dos gêneros textuais que podem ser trabalhados com esta faixa etária e indicar algumas formas dos mesmos serem explorados.

1.3 Objetivos

Temos como objetivo salientar a importância de trabalharmos com gêneros textuais explorando a sua diversidade, com crianças na faixa etária de cinco e seis anos, ou seja, na etapa final da educação infantil.

Investigar o processo de alfabetização e letramento, além de indicarmos o ensino por meio dos gêneros textuais como uma excelente oportunidade de se lidar com a língua nos seus mais diversos usos do cotidiano. Apresentar para esta faixa etária o conhecimento por meios textos interativos que favoreçam o desenvolvimento significativo da criança.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O conceito de gênero surgiu na Grécia antiga com Platão e Aristóteles. Esses filósofos iniciaram uma discussão sobre como formar homens com natureza filosófica e começaram a identificar os gêneros através da arte de poetar. Platão e Sócrates apontam três gêneros literários: o épico, o lírico e o dramático.

Conforme explica Rojo (2015 p. 38) em seu texto no século XIV, com a chegada do renascimento começaram a investigar as distinções feitas pelos filósofos gregos entre a poética e literária. Assim, os domínios da arte poética e da vida cidadã continuaram, por séculos, a ser tratadas em separado, até a modernidade. E no início do século XX, houve uma consolidação entre os dois campos de reflexão por meio dos estudos críticos e literários do formalismo russo e logo em seguida do estruturalismo, também por uma nova retórica. Rojo (2015 p. 39) discute a importância sobre os gêneros a todos os textos e discurso sem distinção ou classificação, tanto na vida simples como na arte.

Comumente, os formalistas definem gênero como um certo agrupamento constante e específico de procedimentos, que apresenta uma dominante definida. Uma vez que os procedimentos básicos já tenham sido definidos, o gênero é então mecanicamente visto como sendo composto por esses procedimentos. Portanto, os formalistas não compreendem o real significado dos gêneros. A poética, na verdade, não deveria começar com o gênero e não terminar nele, pois o gênero é a forma típica de toda obra, do conjunto do enunciado. Uma obra somente é real na forma de um gênero definido. Cada elemento de seus significados constitutivos somente pode ser entendido em conexão com o gênero. Se o problema do gênero com o problema do todo artístico tivesse sido formulado no tempo certo, teria sido impossível para os formalistas atribuir significado construtivo a elementos abstratos da linguagem. (ROJO, 2015 p. 39).

Os gêneros textuais surgem para equiparar as necessidades de atividades socioculturais, bem como a relação com inovações tecnológicas. Este fato é perceptível se compararmos a quantidade de gêneros hoje existentes em relação à sociedade não letrada. Gêneros textuais são instrumentos de vedação da ação criativa, conforme observado historicamente de como o surgimento desses gêneros revelaram a primeira fase quando os povos de cultura oral desenvolveram um conjunto limitado de gênero textual com a invenção da escrita alfabética por volta do século VII a. C., ao passo em que a sociedade cria novas formas de comunicação, multiplicam-se os gêneros. Hoje com a fase tecnológica, vemos uma explosão de novos gêneros e novas formas de comunicação tanto na oralidade como na escrita (cf. Marcuschi, 2010).

Dessa maneira, observamos que nestes últimos dois séculos as novas tecnologias, principalmente as ligadas à área da comunicação, oportunizaram o surgimento de novos gêneros discursivos. Não são as tecnologias que originaram os novos gêneros, mas sim, a intensidade no uso dessas tecnologias e suas interferências nas atividades comunicativas diárias. Neste momento delicado que o mundo está passando nesta fase de pandemia, o que seria da funcionalidade de muitas empresas, escolas e comércios sem a tecnologia dado que hoje muitas empresas estão funcionando 100% em situação de *home office* graças a possibilidade de acesso de informações pela internet nos dias atuais, o que permite que as escolas consigam seguir com seu conteúdo, mesmo à distância.

Com esta tecnologia surgiram novas formas discursivas, tais como editoriais, notícias, telefonemas, telegramas, tele mensagens, teleconferências, videoconferências, reportagens ao vivo, cartas eletrônicas (e-mails), bate-papos virtuais (chats), aulas virtuais (aulas chats), rede sociais, e assim por diante.

Fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. [...] contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia. São entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa. (MARCUSCHI, 2007, p.10).

Pode-se observar que tais definições necessitam de mudanças no que diz respeito aos paradigmas no ensino da língua, a diversidade dos gêneros textuais sejam eles na modalidade oral ou escrita da língua. Tendo em vista que todos os textos se manifestam sempre num ou noutro gênero textual, um maior conhecimento do funcionamento dos gêneros textuais é importante tanto para a produção como para a compreensão. Com isso, é preciso focar a funcionalidade e o conteúdo dos textos e não apenas os tipos de textos.

A partir da distinção entre as noções de gêneros, é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum gênero, assim a comunicação por não ser por algum texto

(seja oral ou escrito), mas partimos da ideia de que a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual. A língua é tida como uma forma de ação social e histórica. As características dos tipos textuais e o simples fato de eles serem definidos por seus traços linguísticos predominantes. Um tipo textual é dado por um conjunto de traços que formam uma sequência e não um texto. Já os gêneros são uma espécie de armadura comunicativa geral preenchida por sequência tipológica de base que podem ser bastante heterogênea, mas relacionadas entre si. Como explica Marcuschi (2010) na citação abaixo:

(a) Usamos a expressão *tipo textual* para designar uma espécie de sequência teoricamente definida pela *natureza linguística* de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas). Em geral, os *tipos textuais* abrangem cerca de meia dúzia de categoria conhecida como: *narração, argumentação, exposição, descrição, injunção*.

(b) Usamos a expressão *gênero textual* como uma noção propositalmente vaga para referir os *textos materializados* que encontramos em nossa vida diária e que apresentam *características sociocomunicativas* definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilos e composição características. Se os tipos textuais são apenas meia dúzia, os gêneros são inúmeros. Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: *telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística horoscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversação espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, aulas virtuais*, e assim por diante. (MARCUSCHI, 2010, p. 23).

Bakhtin (1997) afirma que os gêneros são tipos “relativamente estáveis” de enunciados elaborados pelas mais diversas esferas das atividades humana. São muitos mais famílias de textos com uma série de semelhanças. Eles são eventos linguísticos, mas não se definem por características linguísticas: caracterizam-se, como já dissemos, enquanto atividades sócio-discursivas. Sendo os gêneros fenômenos sócio-históricos e culturalmente sensíveis, não há como fazer uma lista fechada de todos os gêneros.

A grande contribuição de Bakhtin e de outros pesquisadores que compartilham a visão acerca dos gêneros foi organizar o uso que fazemos da linguagem, uma vez que esse conhecimento e domínio que as pessoas tem dos gêneros possibilita a comunicação verbal como se todo texto poderá ser considerado como pertencente a um determinado gênero.

Em conclusão a observação acima, pode-se dizer que o trabalho com gêneros textuais é uma oportunidade de lidar com a língua em seus mais diversos usos autênticos no dia a dia. Existem muitos gêneros produzidos de maneira sistemática com grande incidência na vida diária. Desta forma também podemos observar que os gêneros textuais fazem parte do

documento normativo que é referência para elaboração do currículo escolar e as propostas pedagógicas para o ensino infantil.

Percebe-se que a prática com gêneros textuais está incluída na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que é um documento que determina o conjunto de competências gerais que todos os alunos devem desenvolver ao longo da educação básica. Esse conhecimento pretende assegurar uma formação humana e integral com foco na construção de uma sociedade inclusiva, justa e democrática. A qual define direitos de aprendizagens e campos de experiências, devendo garantir seis direitos (conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se) de desenvolvimento e aprendizagem, de forma que todas as crianças tenham oportunidades de aprender a se desenvolver. Os campos de experiências da BNCC são a base estrutural pedagógica, ou seja, proposta curriculares que devem guiar as escolas com as aprendizagens necessárias para cada etapa. Para a BNCC a criança age, cria e produz cultura.

De acordo com a BNCC o primeiro grupo, formado por bebê de zero a 1 ano e 6 meses a orientação e sobre a participação das crianças em situações de escuta de textos de diferentes gêneros textuais (contos, poemas, receitas, quadrinhos, fábulas, anúncios, etc.), além de manipularem materiais impressos e audiovisuais como: livros, gibis, revistas, cartas, CD, tablets, etc. As crianças de 1 ano e 7 meses à 3 anos e 11 meses, ampliam seu contato com gênero textual devendo manusear textos e participar de escuta de parlendas, histórias de aventuras, tirinhas, cartazes da sala, cardápios, notícias, etc. Já as crianças de 4 à 5 anos e 11 meses, devem escolher livros e textos de gêneros textual conhecidos para a leitura que o professor ou outra pessoa possa realizar a leitura, para até mesmo a sua própria leitura caso já consiga fazer ou pela leitura das ilustrações. Deste modo, em especial aos gêneros textuais e como esta na BNCC, as crianças deixam a educação infantil e ingressam ao ensino fundamental sabendo diferenciar os gêneros textuais. Para isto, é necessário que este assunto seja muito bem explorado e trabalhado na educação infantil.

Já a organização curricular esta estruturada em cinco campos de experiências, que se baseiam nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI). O eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Espaço, tempos, quantidades, relações e transformações; e o que esta ligado diretamente ao gênero textual é Escuta, fala, pensamento e imaginação o qual se define que durante à educação infantil é necessário estimular as crianças a ouvir e a falar, por meio de atividades, experiências e vivências. É através da escuta de história, participando de rodas de conversas, ouvindo narrativas em múltiplas linguagens que a criança se estabelece ativamente como sujeito singular pertence a um grupo social. O contato com a literatura infantil contribui para o gosto

pela leitura, além de estimular a imaginação, a criatividade e ampliar o conhecimento de mundo. O contato com fábulas, contos, histórias e parlendas e poemas, entre outros, também propicia a familiaridade com os diferentes gêneros textuais.

Em resumo entende-se que a BNCC e a DCNEI são documentos que promovem a igualdade educacional, isso quer dizer que todos os alunos terão a mesma oportunidade tanto os alunos da rede pública como os alunos da rede particular. Além de lhe assegurar o direito de aprender aquilo que é considerado essencial para sua formação como sujeito e cidadão brasileiro.

METODOLOGIA

O estudo foi um embasamento de leituras de textos científicos no que concerne à teoria e à prática da alfabetização na educação infantil. A pesquisa bibliográfica foi um respaldo teórico, baseada pela discussão dos autores Marcushi(2010), Bakhtin(1979), Piaget(2004) , Cavalcanti(1997) e Rojo(2015), dentre outros, visando principalmente a importância de se trabalhar com gênero textual na educação infantil com subsídios de conhecimento empírico provenientes de leituras textuais e experiências próprias de alguns relatos de vivências em sala de aula.

O professor de educação infantil deve apresentar aos alunos diferentes gêneros (contos, poemas, parlendas, receitas, etc.) com maneiras diversas como: através de painéis, cartazes, *banner*, etc. e fazer uso deles para ler e escrever, participar adequadamente das várias naturezas que fazem parte da leitura e escrita. Trabalhar com diferentes gêneros, respeitando a faixa etária de cada criança e suas especificações faz com que explore às variadas formas de conhecimento, sendo assim estamos incentivando a criatividade formando crianças, questionadoras, observadoras, inventivas e descobridoras.

Neste trabalho buscou-se realizar uma pesquisa que venha explorar sobre o desenvolvimento da criança de cinco e seis anos, a alfabetização e letramento e os gêneros textuais que podemos trabalhar com esta faixa etária.

3.1 Caracterização da Pesquisa: do gênero discursivo ao gênero textual

Quando trabalhamos com gênero textual, em conjunto trabalhamos com gênero discursivo, pois tudo que ouvimos e falamos diariamente se acomoda a gêneros discursivos preexistentes com o que lemos e escrevemos. Nossas atividades envolvem linguagens desde as mais cotidianas, como uma simples saudação até as públicas, estas se dão por meio da língua/linguagem e dos gêneros que as organizam e estabilizam dando sentido para o outro, de acordo com Rojo(2015 p. 18).

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humanas e porque em casa campo dessa atividade é integral o repertório de gênero do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo. Cabe salientar em especial a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso (orais e escritos), no quais devemos incluir a extrema as breves réplicas do diálogo cotidiano (saliente-se que a diversidade das moralidades de diálogos cotidiano é extraordinariamente grande em função de seu tema, da situação e da composição dos

participantes), o relato dia-a-dia, a carta (em todas as suas diversas formas), o comando militar lacônico e padronizado, a ordem desdobrada e detalhada, o repertório bastante vário (padronizado na maioria dos casos) dos documentos oficiais e o diversificado universo das manifestações publicísticas (no amplo sentido do termo: sociais, políticas); mas aí também devemos incluir as variadas formas das manifestações científicas e todos os gêneros literários (do provérbios ao romance de muitos volumes). (ROJO, 2015 p. 15).

Analisando os textos, observa-se que a circulação dos gêneros textuais na sociedade é um aspecto fascinante que visa mostrar como a sociedade se comunica e interage. Diferenciamos os gêneros (discurso, tipos de texto e textos) e manifestamos as variadas formas de explorar o seu funcionamento, desta forma que a sociedade ajuda a constituir linguagem, atividades enunciadas, intenções e outros aspectos. E se a escrita esta envolvida, ocorre uma diferença da parte de quem lê e de quem não lê, permitindo uma análise das relações entre gêneros e letramento (Karwoski, et al. 2006 p.30).

Para Ferreira (2001) enfatiza que a pré-escola tem seu papel fundamental de permitir as crianças maior contato com situações que envolvam a leitura e escrita, além de possibilitar o contato com adultos letrados, fazendo com que elas construam seu conhecimento sobre a funcionalidade do sistema de escrita. Essas práticas proporcionam que as crianças iniciem e/ou ampliem seu processo de letramento.

As possibilidades de observação dos gêneros discursivos na relação oral e escrita distribuem-se pelas modalidades desde as formais até as mais informais e em todos os contextos e situações na vida cotidiana. Mas há alguns gêneros que só são recebidos na forma oral, apesar de terem sido produzidos na forma escrita, como o caso de notícias de televisão ou rádio. Ouvimos aquelas notícias, mas elas foram escritas e são lidas (oralizadas) pelo apresentador ou locutor. Em situações orais e escritas, é bom ter cautela, pois esta distinção é complexa e deve ser feita com clareza. Um exemplo disso: Quando escrevemos uma carta para uma atividade religiosa é sempre oral. Ninguém reza por escrito e sim oralmente. Por isso dizemos que oramos e não escrevemos a Deus.

3.1.2 Desenvolvimento da criança de cinco e seis anos

Aprendizagem e desenvolvimento são dois processos que estão inter-relacionados desde o nascimento da criança. Aprendizagem, segundo o dicionário é uma ação, processo, efeito ou consequência de aprender, ou seja, é um processo que visa aumentar o conhecimento. Já o desenvolvimento se refere aos domínios de habilidades, transformando-as em hábitos. Nas tentativas de esclarecer as leis da aprendizagem das pessoas e sua relação

com o desenvolvimento, podemos nos basear nas aprendizagens mais simples, as produzidas no período pré-escolar é a sistematização da primeira, já a aprendizagem escolar é sistemática, e a pré-escolar não é. Dentro de sua linha argumentativa com a finalidade de ver que existe alguma diferença a mais entre a aprendizagem escolar e a pré-escolar, devendo igualar-se ao nível evolutivo da criança. Deste modo devemos respeitar cada criança com sua individualidade, dificuldade e limitações, ou seja, cada criança aprende de uma forma e no seu tempo e isso precisa ser valorizado.

Não devemos deixar de citar as crianças que acabam tendo um pouco mais de dificuldades de compreensão e atenção, mesmo sabendo que nesta fase eles já conseguem ter uma atenção e concentração um pouco maior para uma explicação de atividade e até mesmo a execução da mesma.

Segundo Piaget (2007), as crianças de cinco e seis anos estão no estágio pré-operatório “ela é capaz de reconstruir suas ações passadas sobre forma narrativas, antecipando suas ações futuras pela representação verbal”.

É nesta faixa etária que a criança apresenta linguagens bem desenvolvidas, ressalva às crianças com dificuldades de fala, sendo capaz de aprender e ampliar o vocabulário com palavras mais complexas o que aumenta a compreensão da informação verbal. As crianças interagem com outras crianças na escola e fora do ambiente escolar, independente da faixa etária. Principalmente nesta fase a criança fortalece seu desenvolvimento, interagindo com outros ambientes, construindo novas imagens do mundo e percebendo que existem várias realidades e formas de fazer a mesma coisa. Com a interação escolar, seu ciclo de amizade começa a se ampliar e a gostar de brincar em grupo.

Neste período também o uso da tecnologia se faz muito presente, é um geração dos aparelhos eletrônicos, além de ser usuário fiel da internet que é uma das principais ferramentas dos dias atuais. Ferramenta que veio para agregar nas descobertas e nos desafios fazendo parte do dia a dia das crianças desta faixa etária. O jogo começa a fazer parte da vida das crianças com idade entre cinco e seis anos e o perder é uma dificuldade muito presente. Entretanto desta forma aprendem a lidar com as primeiras frustrações, o que acreditamos ser a maior dificuldade desta faixa etária específica. Conforme afirma Piaget (2004) na citação abaixo:

Entre duas crianças, aparece uma forma de jogo, muito característica da primeira infância e que sofre intervenção do pensamento, mas um pensamento individual quase puro com um mínimo de elementos coletivos: é

o jogo simbólico ou o jogo de imaginação e imitação. (PIAGET, 2004, p. 28).

Nesta etapa as crianças acabam utilizando a intuição para resolver problemas e não a razão como acontece com os adultos. Também temos o aumento da capacidade de concentração durante uma atividade que se tenha que realizar sozinha.

As crianças entre cinco e seis anos já conseguem exercer algumas atividades familiares e devem ter responsabilidades sobre essas pequenas tarefas, fazendo parte do desenvolvimento da autonomia da criança, tais como: colocar os talheres na mesa, regar as plantas, dar de comer aos animais domésticos, ajudar em pequenas coisas nos cuidados a um irmão mais novo, entre outras. Precisa se sentir apreciada pelos adultos e ser reconhecida pelos mesmos.

As crianças desta faixa etária já demonstram opiniões e suas próprias vontades dizendo claramente o que querem o que não querem fazer o desenvolvem novos interesses. Com base neste desenvolvimento infantil, o governo do Estado do Paraná criou a data de corte obrigatório para o ingresso de crianças onde explica que aos 4 anos de idade esta criança precisa entrar na educação infantil e aos 6 anos de idade completo ou aos completar até 31 de março do ano vigente deverão ir para o ensino fundamental, mas este fica a critério também dos pais, se os seus filhos irão permanecer na educação infantil mais um ano, ou irão ingressar no primeiro ano ensino fundamental. Esta portaria está definida pelas Diretrizes Curriculares nacionais esta portaria começou a valer as novas matrículas a partir de 2019 , segundo Alves (2010).

- a) É obrigatória a matrícula no Ensino Fundamental de crianças com 6 (seis) anos completos ou a completar até o dia 31 de março do ano em que ocorrer a matrícula, nos termos da Lei e das normas nacionais vigentes.
- b) As crianças que completarem 6 (seis) anos após essa data deverão ser matriculadas na Educação Infantil, na etapa da pré-escola. (ALVES, 2010 p. 5).

A maioria das escolas já estava em processo de matrícula quando foi publicado este parecer normativo. Sendo assim muitas escolas aderiram a mais uma turma de educação infantil, e algumas famílias optaram em manter seus filhos mais um ano na educação infantil, pois o mesmo poderia ou não ingressar no ensino fundamental devido a data corte (completava 6 anos após 31 de março, mas já frequentava uma instituição de educação infantil).

Cada etapa define um momento de desenvolvimento ao longo do qual a criança constrói certas estruturas cognitivas. Nogueira (2015) cita Piaget sobre essas etapas, fases ou períodos do desenvolvimento da inteligência infantil com a seguinte denominação: sensório-

motor, pré-operatório, operacional concreto e operacional formal, sendo que cada um desses períodos é limitado por avanços intelectuais que marcarão a vida da criança por todo o seu longo processo de desenvolvimento até a juventude. Essas idades nem sempre correspondem à idade cronológica da criança avaliada, uma vez que todas as crianças passarão por esses períodos e os superarão mais cedo ou mais tarde, dependendo não somente das condições de desenvolvimento nos meios sociocultural e familiar em que vivem.

3.1.3 Alfabetização e letramento

A alfabetização e letramento é o início da descoberta de um mundo incrível para as crianças, afinal a criança já nasce estando cercada por letras, números e símbolos. E no ambiente escolar que a criança começa a compreender melhor estas letras, números e símbolos e seus significados. Mas apenas quando começa a ter maturidade com o passar dos anos que as crianças acabam percebendo e aprendendo na escola que a junção de letras, forma sílabas e as sílabas formam palavras e as palavras formam frases e assim sucessivamente. Deste modo temos a fase pré-silábica, a fase silábica e a alfabetização.

Vigostsky (1984) toma como ponto de partida a ideia de que o aprendizado da criança se inicia muito antes de ela passar a frequentar a escola, uma vez que, antes de qualquer aprendizado escolar a criança tem sempre um conceito, uma história ou, como diz o autor, um “aprendizado pré-escolar”. Percebemos que com todos os avanços, metodologias e regras que ocorre durante o passar dos anos, a alfabetização está em constante desenvolvimento e aperfeiçoamento. Sendo assim a alfabetização envolve todo o desenvolvimento das novas formas de compreensão, acentuação, concordância, regras, ou seja, o uso da linguagem de uma maneira geral.

A alfabetização deve se desenvolver em um contexto de letramento como início da aprendizagem da escrita, como desenvolvimento de habilidades de uso da leitura e da escrita nas práticas sociais que envolvem a língua escrita, e de atitudes de caráter prático em relação a esse aprendizado; entendendo que a alfabetização e letramento, devem ter tratamento metodológico diferente e com isso alcançar o sucesso no ensino aprendizagem da língua escrita, falada e contextualizada nas nossas escolas. Letramento é informar-se através da leitura, é buscar notícias e lazer nos jornais, é interagir selecionando o que desperta interesse, divertindo-se com as histórias em quadrinhos, seguir receita de bolo, a lista de compras de casa, fazer comunicação através do recado, do bilhete, do telegrama. Letramento é ler histórias com o livro nas mãos, é emocionar-se com as histórias lidas, e fazer, dos personagens, os melhores amigos. Letramento é descobrir a si mesmo pela leitura e pela escrita, é entender quem a gente é e descobrir quem podemos ser. (CAVALCANTI, 1997, p. 18)

Percebemos que quando inicia a fase da escrita, a criança acredita que rapidamente vai ler e escrever, em muitos momentos acabamos vendo as crianças e momentos “livres” com outros colegas brincando de escrever, ou seja, escrita espontânea, onde vemos um monte de letras escritas sem sequência e às vezes com um livro de história aonde o mesmo conta a história através das imagens que está vendo.

Ler antes de saber ler é um convite à interpretação de sinais gráficos a partir do conhecimento prévio do aluno. A leitura convencional também é uma interpretação de sinais gráficos realizadas a partir de nosso conhecimento anterior. Portanto, quando se pede que o aluno leia antes de saber fazê-lo convencionalmente, está na verdade convidando o aluno a ocupar o lugar de um leitor potencial. (CAVALCANTI, 1997, p. 27).

Antigamente a alfabetização acontecia através do BA- BE- BI- BO- BU, por exemplo. O ensino acontecia através das sílabas de forma separada e cada sílaba era associada a uma palavra como a BA – BALA. Os professores perceberam que algumas crianças faziam associação da sílaba BA apenas à BALA, o que acabava atrapalhando no momento de fazer outras associações à mesma sílaba. Desta forma perceberam a importância de mudar o método de ensino e nos dias atuais trabalhamos com as sílabas “soltas e não mais “fixas”, desta forma, por exemplo, a sílaba BA pode ser várias coisas como: BALEIA, BALA, BACIA, BALDE, BANDEIRA, BABADOR, etc. Sendo assim, a criança começa a perceber que o BA forma várias palavras, mas devemos reconhecer que a escola não é a única responsável por este processo.

Cabe aos professores promoverem um processo de alfabetização extensivo (que continue pelos diferentes anos de escolaridade inicial) no qual ler e escrever sejam compreendidos como práticas que envolvem uma dimensão pessoal, lúdica e prazerosa, e que são interdependentes, intimamente relacionadas e fruto de um processo longo, difícil e extremamente enriquecedor. (CAVALCANTI, 1997 p. 3).

Segundo Soares (2004), a alfabetização e o letramento são complementares e devem acontecer simultaneamente, ou seja, não podem trabalhar um separado do outro, pois os alunos adquirem o sistema convencional da escrita através do desenvolvimento de habilidades de uso social da mesma. O letramento, portanto, contextualizará todo o processo de aprendizagem da língua escrita.

O processo de alfabetização se inicia quando a criança ainda bem pequena fica imersa no mundo letrado e procura compreendê-lo, o prazer da leitura e escrita não é algo independente de ensinar a ler e escrever. Existe uma estreita relação entre uma coisa e outra, e

é por isso que podemos dizer que este processo deve ser trabalhado de maneira lúdica e encantadora.

3.2 Procedimentos da Pesquisa

Em diferentes atividades escolares, os alunos se defrontam com textos narrativos, seja em atividades envolvendo o aprendizado de conteúdos de literatura, seja em leituras relacionadas à aprendizagem de outros conteúdos. Uma forma diferente de produzir linguagem é a escrita, desenvolvendo progressivamente a familiaridade com a língua escrita que os meios textuais proporcionam, pois a escrita é fruto de um processo de aprendizagem.

Durante a educação infantil, desde o berçário, a criança está em contato com gêneros textuais através dos contos e poemas, por exemplo. E com o passar dos anos a evolução desta criança, com o domínio em relação ao gênero também vai ampliando cada vez mais. Alguns professores não estão preparados para trabalharem desta forma e acabam não dando o devido valor a um conteúdo tão importante no decorrer da vida estudantil.

Percebemos que os gêneros estão presentes na rotina diária da educação infantil, que tem toda semana a hora do conto e quinzenalmente aula de culinária. Desta forma percebemos que as crianças da educação infantil estão constantemente em contato com gêneros, porém ainda existe um bloqueio em trabalhar com estes conteúdos, com crianças muitas vezes consideradas tão pequenas. Estas crianças devem participar de situações em que os adultos leem textos de diferentes gêneros, afinal ainda não estão alfabetizados e estas crianças com o auxílio dos mesmos interpretam de forma lúdica e criativa.

Foram partindo da vivência da sala de aula e da necessidade da diversidade de apresentar as crianças os gêneros textuais que surgiu o interesse pela pesquisa realizada. A pesquisa iniciou através dos planejamentos realizados com esta faixa etária e do interesse que os mesmos apresentam e da observação que começa a ser feita com as outras turmas e colegas de trabalho. Iniciou uma pesquisa a qual se percebeu pouco material bibliográfico referente a assunto, mas ao mesmo tempo fala muito dos documentos que rege a educação infantil.

Os documentos citados na pesquisa, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) da Educação Infantil é baseada em direitos de desenvolvimentos e aprendizagens bem definidos, tendo como objetivo como a criança aprende. Já a Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) parte da base pensando em como garantir o direito da criança de aprender, ou seja, a criança aprende para que? Reforçando o conhecimento cultural, científico e o contato com a natureza, porém preservando o modo da criança aprender. Ambos exploram

em seus documentos os conteúdos de gênero textual, desta forma podemos perceber como é importante e necessário trabalhar com este conteúdo desde as crianças pequenas. Nos materiais didáticos atuais já podemos perceber que este conteúdo já está mais presente, porém o professor ainda precisa enfatizar e dar a sua devida importância a este conteúdo tão essencial e presente na vida escolar da criança.

Com propostas de implementações que visem melhorar a comunicação e a interação infantil nas escolas, devemos conseguir realizar um trabalho mais eficaz que possa fazer parte dos objetivos do professor, pois este é um dos papéis linguísticos que a escola deve ajudar o aluno a desenvolver desde cedo. As crianças de 5 e 6 anos devem ser bem orientadas e trabalhadas para poderem fazer essas interpretações, diferenciações, compreensões, simulações e até mesmo as imitações referente aos gêneros textuais através de estratégias pedagógicas importantes utilizadas com essa faixa etária.

Também estimular visitas frequentes à biblioteca pode tanto ajudar os alunos a desenvolverem o papel de leitores e a compreenderem o papel da escrita como dar condições para que aprendam os procedimentos adequados à postura de usuários de acervos de publicações impressas, pois a leitura diária é importante para que as crianças possam construir um repertório próprio de histórias em uma linguagem diferente de fala cotidiana.

Acreditamos que o professor de educação infantil durante a sua graduação na disciplina específica que integra o conteúdo de Língua Portuguesa não enfatiza a parte de gênero textual de forma adequada. O mesmo durante a sua formação na disciplina que deveria abordar sobre este assunto enfatiza mais a parte de alfabetização e letramento e a parte de gênero textual não é trabalhada com este termo o que acaba passando sem a sua devida importância.

Estudar a língua é muito mais do que vê-la como um sistema de regras, é estudá-la em seu uso dialógico com as outras práticas. Embora o aprendizado dos gêneros esteja relacionado à codificação do conhecimento, e na escola que a criança aprende não só os gêneros como outras habilidades como da fala e da escrita. Ao introduzir os gêneros textuais na sala de aula, favorece a aprendizagem da escuta, leitura de textos diversos, com funções específicas, explorando o uso efetivo do texto por parte dos alunos, abrindo-lhes a oportunidade de se desenvolverem como cidadãos de uma sociedade letrada.

Sendo assim a função da escola não é apenas ensinar a ler e escrever, é fazer com que os alunos vivam praticando a leitura e escrita. O dever do professor é mostrar caminhos para que eles aprendam a criança só aprende o que vive.

4 ATIVIDADES SUGERIDAS

Em relação às atividades desenvolvidas com a diversidade de gêneros textuais, percebemos que por fazer parte da rotina das crianças a hora do conto e o momento da culinária, são as atividades de gênero textuais mais presentes na educação infantil. Desta forma podemos observar que as mesmas acabam ficando repetitivas, sendo que temos um material muito rico relacionado aos gêneros textuais o qual podemos fazer atividades bastante criativas e encantadoras. Mas para que isto aconteça o professor precisa pesquisar, ter conhecimento, saber utilizar este material sempre respeitando a faixa etária com a qual está trabalhando, as atividades aqui sugeridas são para crianças de cinco e seis anos que podem ser adaptadas para todas as faixas etárias.

Desta forma segue algumas sugestões de atividades: Era uma vez... Podemos trabalhar com contos de fadas, fábulas e histórias variadas. A professora irá contar a história para as crianças que geralmente nesta faixa etária se envolvem e gostam de participar. A ideia é propor para este momento a contação da história, utilizando materiais variados como: fantoches e fantasias. Também podemos realizar uma visita à biblioteca, onde as crianças irão até a biblioteca, poderão explorar a mesma, caso a escola não tenha uma biblioteca pode ser proposta uma “mini biblioteca” no formato de uma caixa com livros variados. As crianças vão explorar e manusear vários livros, em seguida ouvir histórias escolhidas pelas crianças através de votação e consentimento de toda a turma.

Outra sugestão é brincadeiras com rimas, poesias, parlendas e trava-línguas, as rimas transformam os poemas em jogos de palavra, que acabam divertindo bastante as crianças e são facilmente memorizados e passam a servir como maneira de se escolher quem inicia a brincadeira. Podemos confeccionar um cartaz para expor na sala, isso faz com que as crianças imitem a leitura a partir do texto que já conhecem de memória.

Não podemos deixar de lado uma aula que eles adoram a aula de culinária, a qual eles exploram uma receita escrita com os itens de verdade, tentam identificar o item na receita escrita, além de executar a receita e finalizar com a degustação.

Ao trabalharmos e explorarmos os gêneros textuais de forma lúdica, como nas atividades sugeridas percebemos que as crianças conseguem distinguir a função dos mesmos e o interesse pela leitura e a alfabetização acaba acontecendo naturalmente o que é essencial importante para esta faixa etária.

É preciso levar para a sala de aula diversas formas, de capacitar os alunos, de experimentar, de vivenciar, de explorar, etc. ainda mais com essa nova geração tecnológica, os professores precisam se inovar para tornar suas aulas mais dinâmica e lúdica.

5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O trabalho com gênero textual na educação infantil ainda é um tema pouco discutido e desvalorizado apesar de estar tão presente no dia a dia das crianças. É observado através da pesquisa bibliográfica que o tema ainda é pouco discutido, pois foram encontradas poucas referências que fale diretamente sobre este assunto. O docente aos poucos vem sendo preparado para trabalhar com os gêneros textuais na educação infantil, percebe-se que os materiais didáticos mais novos já começam a vir com conteúdos específicos de gênero textual. Mas ainda durante o período acadêmico este assunto é pouco discutido, mesmo estando muito presente durante toda a vida escolar.

É trabalhando com gêneros textuais na educação infantil e ampliando a capacidade de compreensão, conhecimento e diferenciação dos textos na educação que a criança mantém contato e explora diferentes textos e manuseio de materiais sobre os gêneros. Desta forma que vai aumentando seu repertório textual, facilitando a sua participação, identificação e reprodução nos momentos das atividades.

Se a criança desde o berçário está em contato com os gêneros, porque não enfatizar sobre o mesmo desde o início? Com os bebês trabalhamos com situações de escuta de textos de diferentes gêneros como: contos, poemas, fábulas, etc. de acordo com a BNCC.

O trabalho com esses gêneros é a oportunidade de lidar com a linguagem em suas diversas formas, afinal este é um conteúdo que faz parte da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) da Educação Infantil que é o documento normativo para as redes de ensino e suas instituições públicas e privadas, referência obrigatória para a elaboração do currículo escolar e proposta pedagógica para o ensino infantil. Desta forma esses gêneros devem estar incluídos no planejamento do professor e na sua rotina diária, pois as crianças precisam estar em contato direto com este conteúdo tão importante.

Portanto com este trabalho podemos perceber que é importante trabalhar com gênero textual na educação infantil e não apenas com as crianças de cinco e seis anos e sim com todas as faixas etárias, pois de acordo com os documentos que norteiam a educação infantil o estudo do gênero textual contribui para um melhor conhecimento do uso da língua, tanto oral quanto escrita que é essencial na educação infantil.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que o trabalho com os gêneros na Educação Infantil ainda não acontece da maneira como deveria, uma vez que na vida estudantil do aluno esses gêneros se encontram presentes até o final do ensino médio.

Alguns professores deixam de diversificar a apresentação dos gêneros textuais às crianças por duvidar da capacidade destes. Podemos analisar na BNCC os conteúdos a serem trabalhados de acordo com a idade, apresentando a eles um poema, um conto, uma receita de culinária, uma bula de remédio, etc. As crianças conseguem fazer essa identificação, por isso é tão importante apresentar às crianças estes gêneros (sempre respeitando a faixa etária e os textos pré-definidos). Quanto antes forem inseridos estes gêneros para as crianças, mais cedo elas estarão ampliando a vivências em contextos e o uso dessa diversidade.

Mas para que isto ocorra, precisamos preparar os professores para que incluam esses gêneros no seu planejamento e no seu estudo. Afinal os gêneros estarão presente no dia a dia das crianças e incluir o trabalho com os mesmo fica muito mais tranquilo. Porém o professor precisa de um planejamento sistematizado para a exploração dos gêneros textuais. Afinal não são todos os professores que sabem o que são os gêneros, para que servem e como usá-los. Com isso, percebemos que mesmo tendo o documento BNCC como base teórica e metodológica para o desenvolvimento do trabalho com a linguagem na educação infantil, para as professoras prepararem as suas ações em relação ao gênero textuais é preciso incentivo e estímulo de uma coordenação ou direção, orientando e dando subsídios para que os professores através de formação, grupo de estudo, semana pedagógica, etc., se sintam aptos a preparar os alunos nessa direção, pois só dessa forma será incluído este conteúdo no seu planejamento diário de maneira correta e produtiva.

Acreditamos que deveria ser repensando na grade curricular do curso de Pedagogia que a disciplina de Língua Portuguesa que acaba sendo de poucos meses, tendo muito conteúdo enfatizando a sua maior parte em alfabetização e letramento propondo outros conteúdos tão importantes como este. Poderia ser ampliado no mínimo para mais um módulo, pois desta forma poderia abranger uma quantidade maior de conteúdos, sendo os mesmos tão pertinentes e importantes para a Educação Infantil e a primeira fase do Ensino Fundamental.

Após concluir nosso trabalho compreendemos que os gêneros textuais vem ganhando mais espaço, por ser conteúdo proposto em documentos educacionais. Além de começar a aparecer nos novos materiais didáticos da educação infantil, porém ainda precisamos que os professores preparem suas aulas de acordo com a realidade dos seus alunos respeitando a

faixa etária com qual trabalha. E por fim ressaltar que trabalhar com gêneros textuais na educação infantil pode ser lúdico mágico e encantador.

REFERÊNCIAS

- AMADO, Angela Aparecida Fernandes. **Gêneros textuais na alfabetização e letramento**. Lins, SP. 2013. Disponível em: <http://www.unisalesiano.edu.br/biblioteca/monografias/56012.pdf>. Acesso em 20 de junho de 2020.
- ANTUNES, Celso. **Guia de estimulação do cérebro infantil: do nascimento aos 3 anos**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- Aprendizagem In.: Dicio, Dicionário Online de Português. Porto: 7 graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/aprendizagem/>. Acesso em 15 de agosto de 2020.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Parecer Normativo Nº 02/2018**, de 01 de agosto de 2018. Orientação às instituições de ensino do Sistema Estadual de Ensino do Paraná para o cumprimento do Parecer CNE/CEB Nº 2/2018. Para o ingresso na Educação Infantil e no Ensino Fundamental, nos termos da Resolução do CNE/ CEB Nº 01/2010 e Resolução CNE / CEB Nº 06/ 2010. Presidente do CEE/ PR Oscar Alves. Disponível em: http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/legis/seed/parecer_normativo_cee_02_2018_cp_corte_etario.pdf. Acesso em 01 de julho de 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Homologação. Terceira e última versão revista. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192. Acesso em 04 de julho de 2020.
- BRASIL. Ministério da educação. Secretária de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil / Secretária de Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf. Acesso em 11 de agosto de 2020.
- CAVALVANTI, Zélia (Coord.) **Alfabetizando. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997**.
- CARNEIRO, Mirian Chaves. **O trabalho com os diferentes gêneros textuais em sala de aula: diversidade e progressão escolar andam juntas**. Minas Gerais. 2013. Disponível em: http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/files/uploads/palestras_do_pnaic/generos_ano_3_jul_2013.pdf. Acesso em 30 de junho de 2020.

- Desenvolvimento In.: Dicio, Dicionário Online de Português. Porto: 7 graus, 2020.
Disponível em: <https://www.dicio.com.br/aprendizagem/>. Acesso em 15 de agosto de 2020.
- DIONISIO, Angela Paiva; MACAHDO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Gêneros Textuais & ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- FERNANDES, Elaine Leal. **Os gêneros textuais e o contexto da educação infantil**. Revista Práticas de Linguagem. v. 6, n. 1, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://www.ufjf.br/praticasdelinguagem/files/2016/08/45-62-Os-g%C3%aaneros-textuais-e-o-contexto-da-Educa%C3%a7%C3%a3o-Infantil.pdf>. Acesso em 20 de junho de 2020.
- FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre alfabetização**. 24 ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (Orgs.). **Gêneros Textuais: Reflexão e Ensino**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.
- NOGUEIRA, Makeliny Oliveira Gomes; LEAL, Daniela (Orgs.). **Teoria da aprendizagem: um encontro entre os pensamentos filosóficos, pedagógicos e psicológicos**. 2ª ed. Curitiba: InterSaberes, 2015.
- NUNES, Luciana de Souza Molina. **A alfabetização através do uso dos gêneros textuais na Escola Municipal Germana Afonso**. Medianeira, PR. 2013. Disponível em: http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4403/1/MD_EDUMTE_2014_2_53.pdf. Acesso em 22 de junho de 2020.
- ROJO, Roxane, BARBOSA, Jacqueline P. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- TARDOS, A. **A atividade dirigida**. In: FALK, J. (Org.). Educação Infantil. Barcelona: Octaedro, 2008.
- VASCONCELOS, Ana Cristina Naves. **O trabalho com gêneros textuais na alfabetização em prol da aprendizagem da leitura e escrita: uma experiência acadêmica**. Três Pontas, MG. Disponível em: <http://abalf.org.br/wp-content/uploads/2015/02/O-TRABALHO-COM-G%C3%8ANEROS-TEXTUAIS-NA-ALFABETIZA%C3%87%C3%83O-EM-PROL-DA-APRENDIZAGEM-DA-LEITURA-E-ESCRITA-UMA.pdf>. Acesso em 30 de junho de 2020.
- VYGOTSKY, L. S. **O Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores**. Barcelona: Critica, 1984.